

Espanhol e português brasileiro estudos comparados

Adrián Pablo Fanjul e Neide Maia González

[ORGANIZAÇÃO]

EDITOR:

Marcos Marcionilo

CONSELHO EDITORIAL:

Ana Stahl Zilles [Unisinos]

Angela Paiva Dionísio [UFPE]

Carlos Alberto Faraco [UFPR]

Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]

Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipo]

Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]

Kanavillil Rajagopalan [UNICAMP]

Marcos Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFES]

Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]

Roberto Mulinacci [Universidade de Bolonha]

Roxane Rojo [UNICAMP]

Salma Tannus Muchail [PUC-SP]

Sírio Possenti [UNICAMP]

Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

π
Parábola

As formas passivas

Benivaldo José de Araújo Júnior

No português brasileiro (PB) e no espanhol (E), a considerável incidência das passivas em gêneros discursivos relacionados à informação e hoje muito presentes no nosso cotidiano — notícias, editoriais, crônicas, artigos de opinião, *blogs* etc. — demanda uma abordagem abrangente da tipologia e do funcionamento dessas construções nas duas línguas. É o que buscamos fazer neste capítulo, considerando aspectos sintáticos (transitividade verbal e funções sintáticas), semânticos (papéis temáticos) e pragmáticos (funções pragmáticas) referentes ao assunto. Como poderemos apreciar, as diferenças entre as duas línguas quanto à ocorrência e à funcionalidade das formas passivas guardam interessantes relações com outras temáticas abordadas neste livro.

1. NOSSO PONTO DE PARTIDA: A DEFINIÇÃO TRADICIONAL DE CONSTRUÇÕES PASSIVAS

Em termos gerais, define-se construção ativa como aquela na qual o sujeito desencadeia a ação verbal; a esse sujeito atribui-se tradicionalmente o papel semântico de agente (ver 1.1, depois). A construção passiva, por oposição, é aquela na qual o sujeito é afetado pela ação verbal, e não seu desencadeador. Analogamente, ao sujeito das construções passivas atribui-se o

papel semântico de paciente. No que concerne à forma, destacam-se duas variedades de construções passivas no PB e no E:

- (a) Passiva perifrástica (ou analítica), constituída pelo verbo auxiliar *ser/ser* — em tempos simples ou compostos — mais o particípio passado do verbo principal. Na tradição descritiva em língua espanhola, essa construção é conhecida como *pasiva perifrástica*, *pasiva con ser* ou *frase verbal pasiva*. Exemplos:

- (1) O refém **foi libertado** após o pagamento do resgate.
- (2) Até o mês passado, as obras do metrô não **tinham sido retomadas** pela Prefeitura.
- (3) *El atracador fue detenido por la policía al intentar fugarse.*
- (4) *Hoy han sido rescatados los últimos supervivientes del naufragio.*

- (b) Passiva pronominal (passiva sintética ou passiva com “se”), constituída por um verbo ativo na 3ª pessoa (singular ou plural) combinado com o clítico “se”, na função de apassivador. Nas gramáticas em língua espanhola, tal construção é denominada *pasiva pronominal* ou *pasiva refleja*. Exemplos:

- (5) Segundo as estatísticas do governo, este ano **compraram-se** mais geladeiras, fogões e máquinas de lavar que no ano passado.
- (6) *Se han aprobado leyes que dificultan la inmigración.*

Ao referir-se a essas variedades, nas duas línguas, também é usual afirmar que:

- (a) A passiva analítica pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, ao passo que a pronominal só se constrói nas 3^{as} pessoas.
- (b) Na passiva analítica, o agente pode aparecer ou não no enunciado; quando aparece, normalmente figura no fim do enunciado, integrando um sintagma preposicional (encabeçado geralmente

pela preposição *por/por*). Ilustram essa afirmação os exemplos de (1) a (4), sendo que nos casos (2) e (3) o agente aparece.

- (c) Na passiva pronominal, o agente não costuma figurar no enunciado. Vejam-se os exemplos (5) e (6).
- (d) As passivas se constroem com verbos transitivos diretos, quer dizer, verbos que podem ter um objeto direto. Todos os verbos dos exemplos dados de (1) a (6) são dessa classe.

Nos itens subsequentes, comentaremos alguns pontos que aparecem na definição apresentada.

1.1. As funções semânticas agente e paciente

Embora os termos *agente* e *paciente* sejam tradicionalmente os adotados para referir-se às funções semânticas (ou papéis temáticos) presentes nas construções passivas, em muitos casos esta terminologia não corresponde à estrutura argumental do verbo. Vejamos o seguinte enunciado:

- (7) *A policía é temida pelos manifestantes./La policía es temida por los manifestantes.*

Conforme a nomenclatura tradicional, ao termo *manifestantes/manifestantes* caberia a função semântica (ou papel temático) de *agente*; entretanto, traços característicos da categoria agente — iniciativa de ação, vontade e controle — não aparecem no termo citado. Isso ocorre porque o verbo *temer/temer*, por pertencer à categoria de verbos psicológicos, exige obrigatoriamente um argumento *experienciador* (Cançado, 2002: 94) e não um *agente*. Verbos que se comportam da mesma maneira são *admirar/admirar*, *adorar/adorar*, *desejar/desejar*, *respeitar/respetar*, *odiar/odiar*, entre outros. Por raciocínio análogo, tampouco seria adequado classificar a *policia/la policia* como *paciente*. Tomemos outro enunciado:

- (8) *As ruas do centro foram inundadas pelas fortes chuvas./Las calles del centro fueron inundadas por las fuertes lluvias.*

Segundo a classificação tradicional, em (8) teríamos o termo fortes chuvas/*fuertes lluvias* desempenhando o papel de agente, porém desprovido da iniciativa, vontade e controle normalmente relacionados a essa função; tampouco ao termo pode-se atribuir o traço [+animado], isto é, que designe um ser habitualmente representado como dotado de vida e movimento, característica típica do papel de agente. De alguns pontos de vista, o papel temático em questão seria força, e não agente. O problema apontado para os exemplos (7) e (8) seria contornado adotando-se a classificação de Cançado (2003: 99)¹, para quem o responsável pela ação é o desencadeador (independentemente de ser ou não animado, ou de ter ou não iniciativa, vontade ou controle sobre a ação) e a entidade que sofre os efeitos da ação é o afetado.

1.2. O auxiliar da passiva perifrástica

Embora tanto em PB quanto em E as passivas perifrásticas ocorram muito mais frequentemente com *ser/ser*, em ambas as línguas tais construções podem aparecer com outros verbos auxiliares. A mudança do auxiliar confere diferentes valores à construção, conforme podemos ver nos exemplos abaixo:

- (9) A rua **foi** interditada./*La calle fue cortada.*
 (10) A rua **está** interditada./*La calle está cortada.*

Na formulação (9), a construção com *ser/ser* tem um valor dinâmico, que se traduz pela ênfase na ação verbal. Em (10), ao contrário, o auxiliar *estar/estar* dá à construção um valor estativo, no qual se prioriza o estado atual do afetado em detrimento da ação². Os auxiliares nos exemplos a

¹ O grande mérito do estudo de M. Cançado é dar aos papéis temáticos um estatuto teórico, evitando defini-los como meras noções (agente, paciente, experienciador, instrumento, força etc.) e sim como uma composição de propriedades (desencadeador, afetado, estado e controle) atribuídas a um dado argumento a partir de acarretamentos estabelecidos por toda a proposição na qual esse argumento se encontra.

² Por esse motivo, essas construções passivas estão bastante próximas às atributivas. E. Alarcos Llorach (1970: 124-32), por exemplo, considera que os enunciados com *ser* e *estar*

seguir (*ficar, quedar, resultar*) dão às construções passivas um valor resultativo, ou seja, enfatizam a condição ou estado de algo como resultado de uma ação:

- (11) Muitos turistas **ficaram** feridos no atentado./*Muchos turistas quedaron (resultaron/salieron) heridos en el atentado.*
 (12) Depois do curto-circuito, meu computador **ficou** danificado./*Tras el cortocircuito, mi ordenador quedó (resultó) dañado.*

O verbo auxiliar pode também destacar em certas construções uma condição ou estado vigente, ou expressar continuidade:

- (13) **Permanecem** fechados os bancos./*Permanecen cerrados los bancos.*
 (14) **Continuam** detidos os envolvidos no assalto./*Siguen detenidos los involucrados en el atraco.*

Fernández Ramírez (1987b: 78) refere construções nas quais os auxiliares são verbos de percepção (*ver/ver, sentir/sentir, achar/hallar, encontrar/encontrar*) na forma reflexiva, conforme apresentados nos exemplos a seguir:

- (15) Os trabalhadores **se sentiram** enganados pelo sindicato./*Los trabajadores se sintieron engañados por el sindicato.*
 (16) Quase todo o bairro **se encontra** afetado pela falta de água./*Casi todo el barrio se encuentra afectado por la falta de agua.*
 (17) Os andares mais baixos **se viram** alcançados pelo incêndio./*Los pisos más bajos se vieron alcanzados por el incendio.*

(*César fue vencedor/César está vencido*) são sempre atributivos do ponto de vista gramatical, tenham sentido passivo ou não.

Os verbos *ir/ir* e *vir/venir* também podem formar construções passivas na condição de verbos auxiliares, conforme vemos no exemplo a seguir:

(18) Este equipamento **vem (vai)** acompanhado de um manual./*Este equipo viene (va) acompañado de un manual.*

Em (18) os auxiliares têm valores próximos do verbo *estar/estar*. Em E é possível uma construção com *ir* (sem correspondência no PB) que expressa uma ação em curso, ainda não concluída, conforme (20):

(20) *Según el telediario, hasta ahora van rescatadas treinta víctimas.*/Segundo o telejornal, até agora **foram** resgatadas trinta vítimas.

1.3. As passivas e a transitividade

As gramáticas latinas definiam as orações transitivas como aquelas que podiam passar (*trans + ire*) da forma ativa à forma passiva (Campos, 1999: 1521). Trata-se de uma definição ainda adotada por alguns gramáticos e que, entretanto, revela-se problemática em alguns casos. A transitividade, por si, não é suficiente para garantir a passagem de uma construção ativa para a forma passiva. Partamos dos exemplos (21) e (22):

(21) O cavalo abanou o rabo./*El caballo movió la cola.*
(22) A testemunha levantou a mão./*El testigo alzó la mano.*

Os dois mostram construções transitivas, porém, se convertidos em passivas perifrásticas, resultam agramaticais:

(23) *O rabo foi abanado pelo cavalo./**La cola fue movida por el caballo.*
(24) *A mão foi levantada pela testemunha./**La mano fue alzada por el testigo.*

Em (21) e (22), os argumentos agente e paciente representam a mesma entidade referencial. Com efeito, *rabo/cola* e *braço/brazo* na sua relação com *cavalo/caballo* e *testemunha/testigo*, expressam o que no capítulo 1, sobre pronomes pessoais, item 4, descrevemos como “posse inalienável”, são partes do ser referido, e, portanto, possuem grau baixo ou nulo de distintividade, como propõe Camacho (2000: 222). Para esse linguista, a consequência mais evidente dessa propriedade semântica para a organização sintática é o bloqueio da passiva perifrástica.

As construções com o verbo transitivo *ter/tener* apresentam o mesmo problema se passadas da forma ativa (25) à passiva perifrástica (26):

(25) Eu tenho poucos amigos./*Tengo pocos amigos.*
(26) *Poucos amigos são tidos por mim./**Pocos amigos son tenidos por mí.*

Entretanto, quando *ter/tener* significa *reputar/reputar*, *considerar/considerar* ou *julgar/juzgar*, pode aparecer em construções tanto ativas como passivas:

(27) Conheço o Gilberto e sempre **o tive** como pessoa de bem.
(28) O *rafting* **é tido** por alguns como um “esporte radical”.
(29) *Los porteros lo tienen por tonto.*
(30) *El gerente general es tenido por persona de trato afable.*

No PB e no E, há determinadas construções transitivas com verbos psicológicos (31) que não admitem a passiva (32):

(31) A violência **preocupa** o governo./*La violencia preocupa al gobierno.*
O calor **inquietava** os turistas./*El calor inquietaba a los turistas.*

- (32) *O governo é preocupado pela violência./**El gobierno es preocupado por la violencia.*
 *Os turistas eram inquietados pelo calor./**Los turistas eran inquietados por el calor.*

As construções transitivas do PB e do E cujos verbos possuem objetos cognatos (nominalização do próprio verbo)³ muito raramente admitem a passiva perifrástica:

- (33) Chorou o choro mais amargo da sua vida./*Lloró el llanto más amargo de su vida.*
 # O choro mais amargo da sua vida foi chorado./# *El llanto más amargo de su vida fue llorado.*

Essas construções, tanto ativas quanto passivas, geralmente aparecem em gêneros com alguma busca de elaboração estilística, como podemos ver nesses exemplos do *site* de uma associação que comemora o lançamento de uma revista (34) e do Ministério da Defesa do Uruguai (35):

- (34) Esta é nossa primeira edição da revista, **um sonho que foi sonhado** por muitos (disponível em: <<http://acic-colombo.com.br/index.php?act=100¬i=2849>>; acesso em 09/04/14).
- (35) *El Presidente, visiblemente emocionado, manifestó que se trata de una pérdida sensible en todos los órdenes, que deja un sabor agridulce en el balance de una vida que fue vivida humildemente con compromiso* (disponível em: <http://www.mdn.gub.uy/?q=node/1822&nodo_id=1440&accion=articulo>; acesso em 09/04/14).

³ Esse tipo de complemento é simplesmente uma continuação semântica do verbo, como: morrer uma morte heroica/*morir una muerte heroica*, dormir um sono tranquilo/*dormir un sueño tranquilo*.

E por fim, há verbos que normalmente não funcionam como transitivos diretos nas duas línguas — caso de pensar/*pensar* (36) e aludir/*aludir* (37) — e mesmo assim admitem a passiva [(38) e (39)]:

- (36) O homem é um animal que **pensa**. (*El hombre es un animal que piensa*.)/O patrão sempre **pensa** nos problemas. (*El patrón siempre piensa en los problemas*.)
- (37) O título do romance, “Rimini”, **alude** ao famoso balneário italiano./*El título de la novela, “Rimini”, alude al famoso balneario italiano.*
- (38) Este apartamento **foi pensado** para os que moram sozinhos./*Este piso fue pensado para los que viven solos.*
- (39) Vários problemas **foram aludidos** na reunião./*Varios problemas fueron aludidos en la reunión.*

2. ABRINDO O LEQUE: OUTRAS VARIEDADES DE CONSTRUÇÃO PASSIVA

No item 1 deste trabalho, citamos as duas variedades “canônicas” das construções passivas: a perifrástica e a pronominal. Entretanto, há estudos que comprovam a incidência de outras construções de sentido passivo além das citadas. Analisando amostras do PB oral e escrito, Moino (1989: 36) contabilizou um índice elevado de passivas nas quais não aparece o verbo auxiliar, às quais denomina *lexicais*. As passivas lexicais têm valor de adjetivo⁴ e ocorrem normalmente dentro do sintagma nominal (40) ou em aposição a este (41):

- (40) Estudantes **selecionados pelo Município** recebem bolsas.
- (41) A lei, **aprovada em 2005**, ainda não teve os efeitos esperados.

⁴ A autora chama a atenção para o fato de que, há muito, o comportamento híbrido dos participípios passivos — mais adjetivais ou verbais — tem sido uma questão polêmica entre os gramáticos e linguistas. Em seu trabalho, ela segue a análise proposta por N. Chomsky (1981) para a questão.

Em sua análise, Moino contabilizou uma frequência superior das passivas lexicais com relação às perifrásticas (que denomina “sintáticas”) e às pronominais. Segundo a autora, esses resultados apontam para uma possível lexicalização da passiva no PB, a tal ponto que, talvez, muitas dessas construções “nem sejam percebidas como passivas” (p. 49). As passivas lexicais ocorrem de modo análogo no E, conforme os exemplos a seguir:

(42) *Una coalición encabezada por Estados Unidos invadió Irak hace ya diez años.*

(43) *La película – estrenada en el propio festival – recibió elogios de todos los críticos presentes.*

Mendikoetxea (1999: 1625) também considera com significado passivo as **construções de participio absoluto** nas quais o verbo é transitivo⁵:

(44) **Fechadas as portas**, começou a conferência./
Cerradas las puertas, comenzó la conferencia.

A mesma autora refere igualmente como passivas as **construções de infinitivo com sentido passivo**, subdividindo-as em três variedades, segundo a função cumprida pelo infinitivo:

(a) Complemento de um verbo causativo com *se/se* (deixar-se/*dejarse*, fazer-se/*hacerse*), que inclusive pode ter agente explícito.

(45) Tito **se deixou enganar** pelo amigo./*Tito se dejó engañar por su amigo.*

(46) O conferencista **se fez entender** por todo o público./
El conferencista se hizo entender por todo el público.

⁵ Há casos, entretanto, nos quais seriam possíveis duas interpretações, como no exemplo da autora: *Hundido el barco, el capitán abandonó el lugar*. Para esse enunciado, poderíamos ter uma interpretação passiva (*Una vez que fue hundido el barco...*) ou que corresponda ao que, no capítulo 1, sobre ocorrência de pronomes, denominamos como “inacusativa” (*Una vez que se hundió el barco [por sí solo]...*).

(b) Modificador de adjetivo (+ preposição “de”), nas quais o agente não figura explicitamente e é interpretado de forma genérica.

(47) O problema é **fácil de resolver**./*El problema es fácil de resolver.*

(48) Este trabalho é **complicado de fazer**./*Este trabajo es complicado de hacer.*

(c) Modificador de nome (+ preposição “a”/“a”).

(49) Um aspecto **a considerar**./*Um aspecto a considerar.*

(50) Projetos **a realizar**./*Proyectos a realizar.*

No E, a variedade (c) permite a expressão do agente, embora tal ocorra em menor frequência:

(51) *Otro aspecto a considerar por los interesados es que no hay posibilidad de cambio de fecha.*

Já o PB é muito resistente à explicitação do agente nesses casos (o mesmo acontecendo no PE). Quando tal ocorre, o agente aparece antecedido pela expressão “por parte de”:

(52) Porém, ainda há bastante trabalho a fazer **por parte de muitas companhias**.

A partir dos comentários e exemplos anteriores, propomos uma classificação das construções passivas (válida para o PB e para o E) que inclua as variedades aqui contempladas:

1. passivas pronominais — ver (5), (6)
2. passivas de participio:
 - 2.1. sintáticas (com verbo auxiliar) — ver (1), (4)
 - 2.2. lexicais (sem verbo auxiliar)
 - 2.2.1. integradas ao SN — ver (40), (42)

2.2.2. em aposição ao SN — ver (41), (43)

2.3. absolutas — ver (44)

3. passivas de infinitivo — ver (45), (52)

Em se tratando do PB, as construções com o pronome “se” — passivas e impessoais — constituem um ponto de conflito entre estudiosos da língua. A maioria dos gramáticos (especialmente os normativistas) admite as duas construções, porém há outros que problematizam e inclusive se opõem a essa posição. Camacho (2000: 218) reúne as duas construções sob a denominação **impessoal** e atribui ao “se” função apassivadora; reconhece, porém, que o argumento único da construção impessoal nem sempre se comporta como **sujeito** real: além de ocupar uma posição destinada ao **objeto**, nem sempre se mantém a codificação morfossintática que regula o comportamento nominativo do próprio sujeito (a concordância, por exemplo); dessa forma, o argumento paciente não recebe função de sujeito, cuja posição fica marcada formalmente pela presença do “se”. Também afirma que nem todas essas construções contêm o pronome “se”, cuja eliminação acompanha a perda de clíticos que ora ocorre no PB, como foi exposto no capítulo 1, sobre ocorrência de pronomes pessoais. O autor ilustra com exemplos do PB oral⁶:

(53) Faz esse refogado e põe tomate, um ou dois tomates.

(54) Então, naquele arroz mexe, quebra dois ovos aí e, depois então comprime esse arroz num pirex.

A distinção tem sido objeto de conflitos de norma. Bagno (2000: 219) nos lembra que já o filólogo Said Ali, no início do século XX, atribuía ao “se” a função de sujeito nas ditas passivas pronominais. Bagno reforça essa afirmação, destacando a relevância do critério semântico para uma análise adequada das construções com “se”: em enunciados do tipo “aluga-se salas”, “joga-se búzios”, “vende-se ovos” etc., todos os verbos exigem, além

⁶ Os exemplos (53) e (54) foram extraídos do *corpus* compartilhado do Projeto de Gramática do Português Falado.

de um complemento direto, um sujeito [+humano]. Nas palavras do autor, “é essa poderosa evidência semântica que leva os falantes a manter esses verbos no singular, fazendo eles concordarem com o sujeito indeterminado, indicado na superfície do enunciado pelo clítico SE” (p. 220). Portanto, Bagno rejeita a interpretação do clítico como índice de passiva e considera inadequadas as denominações **passiva sintética** e **passiva pronominal**. Ressalta igualmente o caráter marcadamente nominativo do “se” no PB, uma vez que os falantes só o admitem como acusativo nas construções reflexivas com sujeito [+animado] (“A atriz olhou-se no espelho antes de subir ao palco.”); como consequência, o autor aponta o frequente apagamento do “se” em construções como “A porta se fechou” (“A porta fechou”), “O vaso se quebrou” (“O vaso quebrou”), nas quais os sujeitos são [-animados].

Segundo González (1994: 393), a supressão da concordância entre verbo e sujeito nas construções com *se* também se observa no E, conforme apontam diversos estudos gramaticais — embora o fenômeno esteja mais associado às formas coloquiais da língua, sobretudo na modalidade oral⁷.

3. A INCIDÊNCIA DAS PASSIVAS NO PB E NO E

As passivas, tanto no PB quanto no E, são construções marcadas⁸, ou seja, os lusofalantes brasileiros e os hispanofalantes preferem as cons-

⁷ Sobre a questão, Rodolfo Lenz (*apud* S. Fernández Ramírez, 1987b: 416) propôs eliminar da gramática escolar o capítulo da voz passiva em castelhano: “*Al examinar las concordancias del tipo: se vende frutos del país [Rodolfo Lenz] piensa que la preferencia por la anteposición del pronombre se en las construcciones pasivo-reflejas se debe a que la conciencia lingüística más ingenua interpreta el sujeto originario (frutos en el ejemplo de Lenz) como complemento directo del verbo. El hecho es evidente y esa interpretación favorece el fenómeno moderno de la pérdida de concordancia.*”

⁸ Conforme D. Crystal (1988: 168), de modo geral, a noção de marcado refere-se à presença ou ausência de determinado traço linguístico. É o caso, por exemplo, do traço formal marcando o plural dos substantivos e adjetivos do português: o plural, portanto, é **marcado**, enquanto o singular é **não marcado**. Outras interpretações da mesma noção são encontradas na literatura, onde o conceito de “presença” vs. “ausência”, todavia, não se aplica muito bem. Uma delas focaliza a frequência da ocorrência e define **marcado** como **menos frequente**; é essa interpretação que adotamos neste livro.

truções ativas, como o mostram diversos estudos quantitativos. O de Barrenechea e Rosetti (1979: 65) para o espanhol falado em Buenos Aires fornece 97,81% de construções ativas e apenas 2,19% de passivas. No caso do PB escrito, Duarte (1990: 150) catalogou 91% de construções ativas e apenas 9% de passivas.

Considerando apenas a ocorrência de construções passivas nas duas línguas, entretanto, está comprovado que o PB e o E têm preferências distintas quanto à variedade de passiva privilegiada: enquanto no PB a primazia é das **passivas de participio**, no E predominam as **passivas pronominais**. É o que mostram os levantamentos de Duarte (1990) para o PB — 63% de passivas de participio e 37% de passivas pronominais — e o de Barrenechea e Rosetti (1979) para o E oral portenho, com 72% de passivas pronominais e 27% de passivas de participio.

Não cabe dúvida de que os números acima citados traduzem categoricamente tanto o caráter marcado das passivas nas duas línguas, quanto as preferências de cada língua por uma construção passiva em particular. Entretanto, é preciso ressaltar que esses números foram tomados de forma absoluta: se tivessem sido feitas análises por gêneros de discurso, provavelmente em alguns deles haveria maior incidência e relevância das passivas. Por exemplo, a observação do PB e do E em funcionamento nos revela que as passivas de participio parecem ter encontrado um terreno profícuo: os gêneros textuais associados à informação, especialmente aqueles presentes nos meios de comunicação escrita (jornais e revistas em sua versão impressa ou eletrônica, páginas da *web*, *blogs*, folhetos etc.). No caso específico do E, há estudiosos que enxergam no fenômeno uma influência do inglês, e por isso mesmo recomendam a restrição do uso da passiva nessas situações. É o caso de Lorenzo (1980: 19, grifo no original):

Vistos los hechos como fenómenos supraculturales, es indudable que la preponderancia actual del inglés amenaza, como hemos señalado repetidas veces, el equilibrio funcional alcanzado por estas lenguas que en mayor o menor grado están sometidas a su influencia. Así, en lo que atañe al español, donde la fórmula ser + participio causa serias ambigüedades que no hemos hecho más que apuntar, la ignorancia o el apresuramiento de los traductores

(tanto los de libros, como los de cine y televisión) condena al ostracismo o al olvido a una gran parte del rico inventario de soluciones de que dispone el español para reflejar la omnipresente inglesa to be + participio, hasta tal punto, que la reciente fórmula to be + being + participio (the house is being built) que resuelve a menudo la ambivalencia de the house is built, se hace cada día más frecuente en español, que disponía ya de la casa es construida, están construyendo la casa y la casa la están construyendo, se construye la casa, para adoptar el calco la casa está siendo construida, atestiguable incluso en escritores de notable corrección académica.

Opinião semelhante tem Romero Gualda (1996: 38-39), em sua obra sobre o espanhol nos meios de comunicação:

La traducción del inglés al castellano, muy frecuente y necesaria en la actividad periodística, ha traído al español bastantes construcciones que, sin ser absolutamente extrañas a nuestro sistema lingüístico, sí serían menos frecuentes sin esa influencia extranjera. Sabemos que el castellano tiene preferencia por la expresión activa y de ahí todas las complejas formas presididas por el pronombre SE a las que acudimos cuando no podemos transformar un complemento agente en sujeto: “Las tierras son abandonadas” = “Se abandonan las tierras”, “Los estudiantes son ayudados con becas” = “Se ayuda a los estudiantes con becas”; no quiere decir esto que no puede usarse la voz pasiva en español pues es un recurso expresivo más al que no debe renunciar el periodista sino que debe emplearlo bien. Han de evitarse traducciones del tipo: “Ha sido decidida por el claustro la ampliación del periodo de exámenes” [mejor, “el claustro ha decidido la ampliación del periodo de exámenes”], o alguna más admirable e impensable como la citada por Manuel Seco: “En Palestina, un anciano falleció después de haber sido disparado”.

Talvez haja exagero nas palavras de Lorenzo quanto ao ostracismo e ao esquecimento do *rico y matizado inventario de soluciones* alternativas à passiva perifrástica no espanhol, dado que o autor não apresenta dados quantitativos que corroborem sua afirmação. Romero Gualda, por sua vez, parece dar ao tema um tratamento exclusivamente prescritivo: aponta

usos pouco habituais da passiva que, sendo estrangeirismos, não refletem o *buen empleo* da estrutura e por isso deveriam ser evitados. A autora não entra em detalhes sobre o que considera o **bom uso** das passivas, porém fica claro que está mais preocupada com a observação da norma que com uma reflexão sobre os usos, valores e frequências dessas construções na língua espanhola, bem como sobre os efeitos de sentido com os quais elas se relacionam.

4. A PRESENÇA VS. AUSÊNCIA DO AGENTE NAS CONSTRUÇÕES PASSIVAS

O PB e o E tendem a suprimir o agente nas construções passivas, segundo o demonstram estudos nas duas línguas⁹. No caso das passivas pronominais, a supressão do agente é praticamente a regra, como vimos nos exemplos (5) e (6), dado que a presença do clítico nessas construções tem como efeito semântico característico um caráter desindividualizante ou impessoalizante (Camacho, 2000: 218), que culmina na indeterminação da entidade agentiva. Com respeito às passivas de participio, tanto no PB como no E, a omissão do agente em geral se dá por:

(a) Menção prévia da entidade no discurso.

- (55) Mais de três anos após o crime, **a polícia de São Paulo** prendeu o último dos quatro homens acusados de envolvimento direto no assassinato do juiz [...] José Machado Dias, ocorrido em março de 2003. Adilson Daghia, 37, [...] **foi preso** na última sexta-feira, em São Miguel Paulista [...] (*Folha de S. Paulo*, 07/11/06).

⁹ Para o PB, Y. Duarte (1990: 151) computou aproximadamente 84% de passivas sem agente; já Moino (1989: 46) constatou a ausência quase que total do agente na modalidade oral e em 67% do *corpus* na modalidade escrita. Para o E, no estudo de A. M. Barrenechea e M. Rosetti (1979: 68) não foi registrada uma só ocorrência de agente; tampouco foram computados agentes no estudo de V. Barbeito e L. Miñones (2002), dedicado às passivas pronominais na escrita. A análise de L. Miñones e K. Sánchez (2000) para as passivas de participio em textos escritos forneceu 77% de ocorrências sem agente.

- (56) *Según informaron hoy fuentes policiales, esta organización tenía como objetivo la captación, introducción y distribución de mujeres de nacionalidad brasileña en diferentes clubes de la Comunidad gallega para su explotación sexual. En concreto, el modus operandi utilizado por la red empezaba cuando un "Coyote" [...], que posteriormente fue identificado como K.A.L., [...] entraba en contacto con chicas dispuestas a venir a España a trabajar (La Vanguardia, 29/09/06).*

(b) Inferência textual ou extratextual. Em (57) inferimos que foi o público da competição mencionada que ovacionou o atleta, e em (58), a semântica do verbo *operar* leva a inferir que o agente foi um médico.

- (57) O norte-americano Lance Armstrong, aos 32 anos, consolidou de vez seu nome na história do esporte ao garantir neste domingo o hexacampeonato da Volta da França, a mais importante competição do ciclismo mundial. Representando a equipe U.S. Postal, o texano **foi ovacionado** ao cruzar a linha de chegada na principal avenida de Paris, a Champs-Élysées (*O Estado de S. Paulo*, 25/07/04).

- (58) *El meta checo Cech, primera opción del entrenador portugués José Mourinho, fue operado con éxito el domingo en el hospital Radcliff de Oxford, tras sufrir un hundimiento craneal en el transcurso de ese partido (La Vanguardia, 16/10/06).*

(c) Representação, no discurso, de desconhecimento ou de falta de relevância do agente para a informação veiculada.

- (59) A probabilidade de um veículo **ser roubado** nos Jardins, na zona sul, é de 1% (*O Estado de S. Paulo*, 20/09/2013).

- (60) *Clint Eastwood ha sido visto con la que era la mejor amiga de su ex (Libertad Digital, 05/09/13).*

E o que pode ser dito sobre os casos em que o agente aparece nas passivas? Embora escassos, há exemplos de agente explícito em passivas pronominais do PB e do E, normalmente na modalidade escrita e em contextos literários ou de monitoramento estilístico. Para o português, citamos os enunciados (61) e (62):

- (61) O mar remoto navegamos/que só **dos feios focas** se navega [Camões, *Os Lusíadas*, I, 52; *apud* Câmara Jr. (1997: 189)].
- (62) Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, que se deixou fazer **por Pelé**, recusando-se a tantos outros [Drummond, *O poder*; *apud* Bechara (1999: 223)].

Para o E, exemplificamos com (63) e (64), ambos recolhidos de Fernández Ramírez (1987b: 419):

- (63) *La emisión, transformación, amortización o cancelación de obligaciones [...] que se verifique **por sociedades mercantiles o industriales** [...] (art. 20 do RD de 26-3-1927 do Reglamento del Impuesto de Derechos Reales).*
- (64) *Calidades que se comprenden, se sienten y se admiran **por el inteligente lector** [...] (Pérez Galdós, *Carlos IV*, 5).*

Em se tratando das passivas de participio, Miñones (2000) conclui que a presença do agente em alguns enunciados se deve à necessidade de:

- (a) Apresentar uma entidade não mencionada no discurso, portanto, introduzir informação nova.

- (65) Vinte corpos de pessoas assassinadas com tiros na cabeça **foram encontradas** hoje **pela Polícia** em diferentes regiões de Bagdá, segundo fontes do Ministério do Interior Iraquiano (*Folha de S.Paulo*, 16/10/06).

- (66) *El gerente de la agencia oficial Itar-Tass, Anatoli Voronin, fue asesinado en su domicilio, informó hoy la agencia rusa. El cadáver de Voronin, que mostraba señales de violencia, **fue hallado por su chófer**, quien avisó a la policía, indicaron fuentes de la Fiscalía de Moscú (*La Vanguardia*, 16/10/06).*

(b) Contrastar agentes.

- (67) Rogério Andrade **foi preso** em setembro, **pela Polícia Federal**, depois de quatro anos foragido. É acusado pela morte do primo, Paulinho, e por formação de quadrilha. Menos de um mês depois, seu rival **foi preso** em um apartamento na Praia de São Conrado, **pela Polícia Civil** (*Jornal do Brasil*, 05/11/06).
- (68) *A.S.B., sin antecedentes penales y en libertad por esta causa, **representado por la Procuradora D^a M.E.G.G. y defendido por el Letrado D. C.S.A.** en sustitución de la Letrada D^a C.M.Q. (disponível em: <<http://www.salvador.edu.ar/sitio/signosele/articuloanterior.asp?id=11>>; acesso em 06/06/14).*

(c) Abrir uma cadeia temática (com consequente persistência do agente nas sentenças imediatamente posteriores a sua introdução).

- (69) [...] uma ajuda financeira [...] menos quaisquer montantes já **recebidos pela vítima** a título de indenização. Se, após ter beneficiado de ajuda [1]¹⁰ **a vítima** provar que o dano sofrido é superior àquele com base no qual a ajuda foi concedida, [2] pode solicitar uma ajuda suplementar apresentando [3] um pedido nesse sentido no prazo fixado pela citada lei. [...] (*Atlas Judiciário*

¹⁰ Os números entre colchetes indicam as posições nas quais o agente é retomado. Conforme se pode ver nos exemplos (69) e (70), nem sempre esse elemento está explícito; entretanto, pode-se retomá-lo por elipse.

Europeu; (disponível em: <http://ec.europa.eu/justice_home/judicialatlascivil>; acesso em 09/04/14).

- (70) *Del tenor liberal del precepto parece que en el supuesto de autos sólo podrían calificarse como copias privadas las de las carátulas efectuadas por el acusado para utilizarlas [1] en su local colocándolas [2] en sustitución del original en las cajas de los videojuegos que [3] alquila, pero no las que [4] hacía para terceros* (disponível em: <<http://www.salvador.edu.ar/sitio/signosele/articuloanterior.asp?id=11>>; acesso em 06/06/14).

Como mostra a maioria dos exemplos que trazemos, no PB e no E os agentes apresentam forte tendência a possuir o traço [+humano] e grau elevado de participação voluntária na ação/processo, quer dizer, são entidades representadas no discurso como participando com alguma intenção naquilo que se narra ou descreve.

5. O PACIENTE NAS CONSTRUÇÕES PASSIVAS

Ao contrário dos agentes, espera-se que os seres ou coisas que aparecem no papel de paciente se mostrem com participação involuntária na ação/processo ou afetados por ela. Como tais características condizem usualmente com entidades que não são pessoas, isto é, dotadas de traço [-humano], podemos afirmar que existe uma tendência ao predomínio de pacientes [-humano] nas construções passivas, como mostram os exemplos (61) a (64). E, de fato, alguns estudos realizados para o PB e o E comprovam essa tendência. Para o E, Barbeito e Miñones (2002) encontraram 95% de pacientes [-humano] em passivas pronominais; para as passivas de participio, Miñones e Sánchez (2000) também obtiveram pacientes majoritariamente [-humano], em percentuais variáveis conforme o gênero discursivo¹¹. Para o PB, a análise de Moino (1989) obteve valores distintos segundo a modalidade: na escrita (a partir do uso de editoriais), cerca de

¹¹ Segundo as pesquisadoras, o *corpus* para essa análise foi extraído de um livro infantil (com maior número de pacientes [-humano]) e de um livro de História (com predominância de pacientes [+humano]).

88% dos pacientes possui o traço [-humano]; na oral (mediante o uso de entrevistas), a incidência de pacientes [+humano] foi maior, em torno de 66%. Portanto, embora sustentemos que a tendência nas passivas é a proliferação de pacientes [-humano], não podemos descartar a influência do gênero discursivo no fenômeno: há os que favorecem o surgimento de pacientes [-humano] (textos filosóficos, manuais de instrução etc.) e os que propiciam a incidência de pacientes [+humano] (textos históricos, notícias policiais, crônica social, alguns gêneros de entrevista etc.), como ocorre nos enunciados (65) - (68).

Conforme já mostramos no item 4, as passivas no PB e no E reservam ao agente um papel secundário, deslocando-o para o final da sentença ou simplesmente eliminando-o. Nas passivas de participio, o paciente é a entidade que normalmente ocupa a posição de destaque, figurando à esquerda da sentença e desempenhando a função pragmática (ou informativa) de *tema*¹². E como consequência desse caráter temático, o paciente dessas construções estaria mais propenso a veicular informação já referida no discurso, portanto com traço [-nova]. De fato, é essa a tendência verificada nas duas línguas¹³, conforme os exemplos a seguir:

- (71) A Biblioteca do IEL convida a todos para visitar a **exposição** em comemoração ao centenário do Nascimento de Quintana! Estão expostas obras de Primeira Edição, Crítica Literária, Infanto-Juvenil, Tradução e uma obra autografada pelo próprio autor, em destaque. **A exposição foi inaugurada** no dia 10/08/2006 e se estenderá até o início do mês de outubro (disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/exposicao.php>>; acesso em 09/04/14).
- (72) *Michael Jackson ha sido galardonado con el premio Diamond, por sus más de cien millones de discos vendidos. El premio*

¹² Usamos a definição de *tema* presente na teoria funcional de M. Halliday (1976). O leitor poderá encontrar em outros trabalhos a denominação *tópico* em vez de *tema*.

¹³ Para o PB, Y. Duarte (1990: 152) contabilizou cerca de 90% de pacientes em posição temática.

fue otorgado durante un certamen dedicado a la Música del Mundo celebrado en Londres (disponível em: <<http://mundomusicas.mforos.com/1070244/5910863-michael-jackson-recibe-el-premio-diamond-por-su-aportacion-a-la-musica-del-mundo/>>; acesso em 06/06/14).

Entretanto, ressaltamos que há gêneros discursivos que favorecem pacientes na posição remática, isto é, não no início da sentença, veiculando informação com traço [+nova]. É o caso, por exemplo, dos títulos de notícias nos meios de comunicação:

(73) **Encontrados corpos carbonizados** em Realengo (*O Globo*, 06/03/08).

(74) **Leiloadas obras de Mestres impressionistas e vanguardas modernas** (disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2007/05/31/leiloadas-obras-de-mestres-impressionistas-e-vanguardas-modernas.jhtm/>>; acesso em 06/06/14).

(75) **Descubierto en Madagascar el fósil de una rana gigante de 70 millones de años** (*El País*, 19/02/08).

(76) **Fueron liberados 60 contenedores con carne para exportación** (*La Nación*, 08/04/08).

Nas passivas pronominais do PB e do E, a maioria dos pacientes é remática, veicula informação com traço [+nova] e está focalizada:

(77) No ano passado, por exemplo, **gastaram-se R\$ 143 bilhões do Orçamento da União** com serviços da dívida, e no maior orçamento da República, que é o da Saúde [...] (disponível em: <<http://www.horadopovo.com.br/2004/maio/12-05-04/pag3f.htm>>; acesso em 06/06/14).

(78) *El tiempo es veloz: ya se han vendido 220 unidades del Bugatti Veyron* (disponível em: <<http://www.coches20.com/tiempo-veloz-vendido-bugatti/>>; acesso em 06/06/14).

6. FUNÇÃO DAS CONSTRUÇÕES PASSIVAS

Duarte (1990: 163) propõe como função básica das passivas¹⁴ a **detematização do agente**. Essa detematização no PB e no E inclui tanto a supressão do agente (caso predominante), como sua recodificação na sentença por um sintagma preposicional em posição remática (passivas de participio) ou através do clítico *se/se* (passivas pronominais). Como função decorrente (e portanto secundária) da detematização do agente, estariam a **tematização do paciente** nas passivas de participio, como (71) e (72) e a **focalização do paciente** nas passivas pronominais, como (77) e (78).

Cabe observar, porém, que no E a tematização mais frequente ocorre por meio dos pronomes clíticos átonos, segundo a estrutura objeto direto tematizado + clítico duplicado + verbo ativo, fator que podemos relacionar às assimetrias explicadas no capítulo 1 quanto à ocorrência de pronomes pessoais:

(79) **A Miguel lo despidió el director.**

No E, caso quiséssemos apagar o agente em (79), poderíamos reescrever a sentença como:

(80) **A Miguel lo despidieron.**

As construções como (80) foram definidas por Lorenzo (1980: 20) como *impersonales activas*. No PB, tematizações nos moldes de (79) e (80) só ocorreriam em registros mais coloquiais, próprios da linguagem oral, e ainda assim o pronome repetido (que poderia aparecer ou não) seria tônico e posposto ao verbo:

(81) **O Miguel, o director despediu ele./O Miguel, o director despediu Ø**

(82) **O Miguel, despediram ele./O Miguel, despediram Ø.**

¹⁴ Na conclusão do seu estudo, Y. Duarte (1990: 164) afirma que a detematização do agente é, em realidade, a função universal das passivas e, por isso mesmo, válida para todas as línguas. A autora apoia-se em evidências translinguísticas, dando exemplos de enunciados no PB, E, inglês, turco, indonésio, ute, entre outras.

Em suma, o E pode tematizar:

- por meio do deslocamento à esquerda do complemento direto, como em (79) e (80), sendo esta, segundo atestam alguns estudos, a preferência nessa língua;
- por meio da passiva de participio (*Miguel fue despedido por el director*).

Por outro lado, mudanças que vêm ocorrendo no PB convertem a passiva de participio no único recurso (ao menos na modalidade escrita) de que dispõe o PB para tematizar. Dentre essas transformações estão:

- o enrijecimento da ordem SV, que leva ao protagonismo do sujeito e faz com que essa entidade e o tema cada vez mais tenham o mesmo referente;
- a rejeição crescente do uso de clíticos pelos lusofalantes brasileiros, com duas consequências importantes — a escassa produção de passivas pronominais e o evitamento da tematização por meio do deslocamento à esquerda do complemento direto.

Resulta evidente, ainda, a necessidade de relacionar essas diferentes estratégias de tematização para cada língua com as divergências encontradas entre o PB e o E em torno da ocorrência de pronomes pessoais, que foram apresentadas no capítulo 1.

7. SINTETIZANDO

Feita nossa comparação em contraste das passivas no PB e no E, poderíamos resumi-la nos seguintes pontos:

- (a) As construções passivas têm caráter marcado no E no PB, conforme o demonstram todos os estudos citados neste trabalho. Porém, independentemente da superioridade numérica das construções ativas, é preciso considerar que há gêneros em que as passivas ganham especial expressividade, como aqueles que participam da esfera da comunicação de massa, especialmente nas suas formas escritas (jornais, revistas, páginas da *web*, *blogs*, folhetos etc.).
- (b) O PB e o E apresentam tendências comuns mas também assimetrias quanto ao uso das passivas, que detalhamos assim:

- (i) As duas línguas apresentam preferências distintas: no PB predominam as passivas de participio (sintáticas e lexicais), enquanto no E as passivas pronominais são mais abundantes.
 - (ii) O PB e o E tendem a omitir o agente nas construções passivas. A expressão dessa entidade relaciona-se normalmente à introdução de informação nova, ao contraste entre diferentes agentes ou à abertura de uma cadeia temática.
 - (iii) No PB e no E a tendência é que incidam pacientes com traço [-humano]. Porém, há gêneros discursivos que favorecem uma frequência significativa de pacientes humanos, como as notícias policiais.
 - (iv) O PB e o E tendem a tematizar o paciente nas passivas de participio (sintáticas e lexicais); nas passivas pronominais do espanhol a maioria dos pacientes é remática, possui traço [+nova] e está focalizada.
 - (v) Finalmente, nas passivas do PB e do E, a ausência majoritária do agente (ou sua recodificação como sintagma preposicional ou clítico) nos permite definir a detematização do agente como função básica das passivas nas duas línguas. Como funções secundárias, teríamos a tematização do paciente nas passivas de participio e, para as passivas pronominais do E, a focalização do paciente e a veiculação de informação nova (rema).
- (c) No E, as construções com clíticos são as mais produtivas; daí a saliência das passivas com “se”, além da tematização/detematização por meio de clíticos, o que reduz a incidência de passivas de participio nessa língua. No PB, ao contrário, transformações pelas quais vem passando a língua e que mencionamos no item 6 consolidam sua preferência pelas passivas de participio quando se trata de tematizar um constituinte ou detematizar outro numa construção transitiva.

Por fim, destacamos que a diversidade das construções passivas no PB e no E, assim como sua preponderância em determinados gêneros discursivos, já não comporta uma abordagem tradicional do tema nas gramáticas e manuais didáticos. Em vez de pautar-se unicamente pelas diferenças de uso que têm essas construções nas duas línguas, seria proveitoso beneficiar-se, também, dos usos que compartilham.